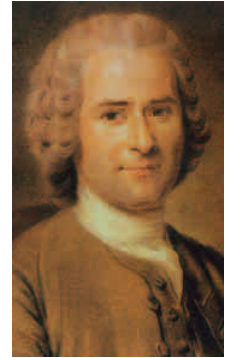


UNIDADE 6

EDUCAÇÃO NO SÉCULO XVIII: A PEDAGOGIA NATURALISTA DE ROUSSEAU E A RAZÃO EDUCACIONAL DE KANT

6.1 A pedagogia naturalista de Rousseau

Contra o Racionalismo da Filosofia das Luzes, **Jean-Jacques Rousseau** (1712-1778) propôs uma filosofia da educação ligada aos valores morais e às características psicológicas das pessoas. Criticando a política e a sociedade, ele dizia que não bastava que o Estado garantisse uma certa ordem política e econômica, mas psicológica e moral. Então, a educação deveria ter bases morais e psicológicas.



Rousseau argumentava que as ciências, as artes e as variadas invenções não estavam fazendo a humanidade melhor, mas deteriorando-a. Portanto, a experiência pessoal e os sentimentos, aliados à bondade, eram características da humanidade corrompidas pelas estratégias de organizações sociais e suas respectivas mudanças através das descobertas científicas: “O homem nasce livre, e em toda parte se encontra acorrentado.” (ROUSSEAU, 1993, p. 53).

Rousseau apontava que, de forma equivocada, havia uma tendência em se acreditar que as pessoas tinham uma natureza cruel. Através de uma análise do desenvolvimento da humanidade, Rousseau demonstrava que ela não tinha natureza cruel.

Rousseau argumentava que, enquanto as pessoas moravam em cavernas e se dedicavam a ofícios (modelar pedras afiadas, pintar o corpo, costurar roupas de pele, etc.) para produzirem objetos e trocavam esses objetos e serviços entre si, de acordo com as necessidades de cada um, havia igualdade e elas gozavam de um intercâmbio independente e eram felizes e boas.

Quando perceberam que as pedras afiadas cortavam madeira e escavavam a terra, os mais fortes fizeram cabanas. Então aconteceu o primeiro sentido de “propriedade” que, por sua vez, começou a causar desconforto entre os seres porque trazia desigualdade. Os mais fracos, vendo que os mais fortes defendiam seus territórios e que seria impossível vencê-los, começaram a imitá-los, estabelecendo novamente a igualdade.

Então, concluiu Rousseau, a natureza das pessoas não era cruel, porque elas percebiam, através de sua “piedade natural”, que não podiam fazer mal a outras pessoas nem tomar as casas à força. Portanto, não era necessária uma organização política e social para “domar” as pessoas, porque, no estado primitivo, elas eram boas.

Para Rousseau, foi exatamente o desenvolvimento com o intuito de apropriação um dos motivos da deterioração da espécie. A igualdade desapareceu quando as florestas se tornaram campos de agricultura e passaram a ser regadas com a escravidão. Então, a agricultura e, mais tarde, o uso de ferro para produção de armas foram responsáveis pela crueldade, civilizando as pessoas que perderam o “gênero humano”.

Com todas essas perspectivas, Rousseau produziu sua obra mais famosa para a área educacional: *Emílio ou da Educação* (1979)¹ — história de um menino aristocrata que, depois de ficar órfão, foi para o campo e viveu sob os ensinamentos de um preceptor, que direcionava a aprendizagem de Emílio de tal forma que a natureza fosse a responsável por traçar os caminhos do menino. Assim, não havia pressão para que Emílio aprendesse algo, posto que sua aprendizagem se daria de acordo com seus interesses, com seu desenvolvimento natural, até que seu desenvolvimento psicológico estivesse preparado para uma assimilação adequada das variadas disciplinas, incluindo a religião, as ciências e a história.

¹ Publicado pela primeira vez em 1762.

Nesse sentido, o preceptor de Emílio não adiantava conceitos para os quais o menino não tivesse motivação de aprender, de forma que a infância fosse vivida em todas as suas dimensões, sem a ideia apressada das escolas da época. O objetivo não era a formação de um dirigente ou um cidadão que obedecesse aos preceitos sociais, mas simplesmente um homem, no sentido mais puro e natural do conceito de humanidade.

Nas palavras de Rousseau,

Saindo das minhas mãos, ele não será, admito, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será antes de tudo um homem. Tudo aquilo que um homem deve ser, ele saberá sê-lo, neste caso, como qualquer um. (ROUSSEAU, 1979, p. 20)

Para evitar a distância entre Emílio e o comportamento natural, o preceptor deveria acompanhar o menino por toda a vida, até que atingisse a idade adulta. Assim aconteceu com Emílio até a fase adulta, quando foi viver o amor com Sofia e o filho, vivendo no campo.

Através da obra *Emílio*, Rousseau critica veementemente os colégios da época — que chamava de “estabelecimentos ridículos” — apontando exemplos de deturpação educacional e apresenta as seguintes concepções de pedagogia:

- valorização da natureza;
- respeito ao desenvolvimento individual;
- compreensão dos estágios humanos: infantil, adolescente e adulto;
- aprendizagem através da motivação e do interesse;
- atenção aos fenômenos da natureza: “nenhum outro livro a não ser o mundo, nenhuma outra instrução a não ser os fatos” (ROUSSEAU, 2004, p. 216);

- aprendizagem através da experiência e não das abstrações;
- educação de higiene;
- métodos não sistemáticos: não há horários fixos nem lições verbais;
- inexistência de intervenção do preceptor, que deve ser apenas o acompanhante do processo de desenvolvimento;
- na fase adolescente, leitura do livro *Robinson Crusóé*, por mostrar a bravura e a persistência de um homem em situações inusitadas;
- no início da fase adulta, as iniciações religiosas, mas sem a “culpa” apregoada pela Igreja;
- na fase adulta, o estudo de vários povos e línguas, além das viagens.

Para a História da Educação, o trabalho de Rousseau trouxe muitos avanços revolucionários. Sua influência foi tão forte que, ainda hoje, a menção das contribuições do seu trabalho é uma prática comum.

6.2 A razão educacional de Kant

Sofrendo influência do trabalho de Rousseau e, ao mesmo tempo, fazendo-lhe várias críticas, **Immanuel Kant** (1724-1804) representa uma forte corrente filosófica para os caminhos da educação a partir do século XVIII. Sua concepção era desfazer a dicotomia entre o Racionalismo e o Empirismo,² incluindo as questões filosóficas como integrantes fundamentais das ciências.



² Abordado na Unidade 4.

Então, a concepção de Kant é uma valorização da sabedoria metafísica e ética no desenvolvimento do pensamento ocidental. Sua tentativa era a de resgatar os valores da verdade, da moral e da religião, mas dando-lhes uma tal perspectiva que não se relacionassem ao Ceticismo,³ ao Materialismo⁴ e nem ao Naturalismo. A teoria de Kant é uma teoria do conhecimento e sua articulação com os atos humanos. Nesse sentido, essa teoria preconiza que não existe uma certa realidade que devemos receber sem reagir, porque participamos de sua construção e, por conseguinte, somos responsáveis por sua formulação.

Kant reconhece a importância da razão como uma forma de conhecimento, mas aponta, exatamente, a necessidade de discernimento com relação ao rigor e à clareza do valor do conhecimento e seus respectivos limites. **O valor da razão não é inquestionável.**

Assim, Kant demonstra oposição veemente aos preceitos de sua época, que afirmavam que o intelecto deveria conformar-se à realidade. No entanto, ele defende uma constante avaliação das condições da experiência humana quando enfrenta o conhecimento da realidade. Além disso, a moral nada mais é senão a razão em ação e é necessário examinar a razão prática para que os princípios da moralidade sejam alcançados. Temos, portanto, a “faculdade de julgar”; **a razão teórica** (aquilo que conhecemos) não está separada da **razão prática** (moral), porque a **razão prática pressupõe liberdade** — habilidade de escolher — e a **escolha ética é uma escolha racional, não é mera intuição.**

³ ceticismo — doutrina segundo a qual ninguém pode chegar a qualquer conhecimento indubitável.

⁴ materialismo — teoria que explica todos os fenômenos da existência a partir de grandezas concretas, materiais.

Em linhas gerais, o argumento de Kant é o seguinte:

A razão prática pressupõe liberdade.
(porque sem liberdade, a razão prática não tem sentido)



A liberdade pressupõe que as pessoas sejam capazes de determinar e exercitar a razão prática.
(cada pessoa deve ter a habilidade de escolher)



Então,

temos a obrigação de nos comprometermos com um comportamento consistente com nossa razão prática.
(e isso não é um caso de mera intuição)

Nesse sentido, Kant defende a perspectiva de que a educação nada mais é senão uma transformação da “animalidade em humanidade”. Para ele, a **educação é essencialmente o processo fundamental pelo qual as crianças tornam-se racionais**, sendo uma formadora da consciência das obrigações que todas as pessoas devem ter, além de representar a salvação do gênero humano.

A educação é, portanto, um veículo para que os “imperativos” — o poder cumprir o dever incondicionalmente — possam ser alcançados.

- Agir somente sobre uma verdade na qual eu possa, ao mesmo tempo, decidir sobre um curso de ação como uma lei universal, ou seja, é o exercício de fazer escolhas de forma consciente, porque a minha escolha afeta outras pessoas. Por isso, cada decisão tem o poder de uma lei universal.

- Não se pode jamais usar a outra pessoa sem considerar sua autonomia; nunca tratar a ele/ela como um meio apenas, mas sempre como um fim.
- Cada ser racional deve agir, em cada caso, como se fosse um criador de leis do reino universal dos fins. **Este é um imperativo categórico**, ou seja, é a base da decisão consciente: a minha verdade não serve somente para as outras pessoas, mas para mim também, se meus atos estiverem em julgamento.

Então, a formação educacional é, para Kant, uma formação moral fundamentada na autonomia da vontade, da escolha. O domínio da consciência é, portanto, muito importante e a realidade que vivemos é construída em torno dos valores que a nossa consciência moral possui. Este é exatamente o aspecto da crítica de Kant à educação anterior aos seus escritos, porque era uma educação que não se comprometia com o exercício e a consciência da moralidade. Ele aponta os seguintes aspectos para o processo de aprendizagem:

- **disciplina** — para garantir o desaparecimento do lado animal, selvagem;
- **moralidade** — para exercitar a capacidade de escolher os fins corretos;
- **cultura** — para que haja acesso aos ensinamentos e à instrução;
- **refinamento** — para conhecer os comportamentos sociais adequados.

A partir dos trabalhos de Rousseau e Kant, procure pensar nas características sobre a educação atual para argumentar sobre a seguinte questão:

Tanto Rousseau quanto Kant apresentam suas respectivas abordagens sobre a natureza humana. Quais aspectos de cada abordagem você observa na prática educacional e na concepção de educação dos dias atuais?

Referências:

GHIRALDELLI JR., P. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

LEBRUN, G. *Kant e o fim da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ROUSSEAU, J. *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Difel, 1979.

ROUSSEAU, J. *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVA, S. *Valores em Educação: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa*. Petrópolis: Vozes, 1988.